

'Imagem na Ciência e na Arte' desvenda corpo humano

18-02-2011 18:02:00

Jornalista: Lúcia Vinheiras Alves / Imagem e Edição: António Manuel

Representações artísticas e científicas do corpo humano, produzidas em Portugal nos últimos 150 anos, estão em Exposição no Pavilhão do Conhecimento-Ciência Viva, em Lisboa.

Imagens ou representações artísticas e científicas que desde o século XIX até ao presente dão do corpo uma visão naturalista e científica. O corpo tornado imagem ou representações do corpo vivo, morto, dissecado, elemento de estudo de ciência, mas também de arte.

Esta exposição de imagens que desfilam assíncronas no Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, em Lisboa, é parte de um projeto sobre a 'Imagem na Ciência e na Arte', com coordenação de Olga Pombo, investigadora do Centro de Filosofia das Ciências, da Universidade de Lisboa.

«É uma Exposição que escolhe um tema específico, que é o tema do corpo para mostrar de que modo a produção de imagens é um dos lugares onde é possível encontrar uma relação muito profunda entre a Ciência e a Arte», explica a investigadora Olga Pombo.

Uma relação que é resultado da evolução da Ciência dando à Arte os instrumentos, para a cada momento, da arte se ir servindo. Aqui a exposição divide no tempo os grandes momentos que do corpo se faz imagem.

«São três momentos, todos eles correspondem aos últimos 150 anos da representação do corpo em Portugal. Todas as imagens que aqui estão são de artistas ou cientistas portugueses. E no caso das ciências, são sobretudo de cientistas que estão ligados a Centros de Investigação da Universidade de Lisboa e, no caso dos artistas, são também artistas portugueses e são dois espólios, aliás três», refere Olga Pombo.

A investigadora explica que «o espólio de desenhos anatómicos do Museu de Medicina, da Faculdade de Medicina de Lisboa e o espólio de Desenho Antigo ou Desenho de Nu e Desenho de Estátua, da Faculdade de Belas Artes e da Sociedade de Belas Artes. Estes dois espólios, juntamente com outras obras mais recentes de pintores portugueses, constituem a parte das artes que nós cruzamos, que nós fizemos estabelecer diálogo com a produção científica destes últimos 150 anos».

Mas agora aqui neste primeiro espaço é o tempo de um corpo inteiro, nu, visão naturalista de paisagem, onde os pormenores são revelados por ângulos que as diversas posições permitem ... de pé, curvado, sentado, dobrado, enroscado .

A visão anatómica do corpo é dada pelo delinear dos músculos, pela tridimensionalidade apoiada nas sombras, mas mantendo a visão do corpo como um todo.

Para o cientista, o estudo da anatomia leva-o a mergulhar para além das camadas da pele, passando a outras visões e representações de uma outra realidade: a disposição dos músculos, o mapa das veias e artérias, ou a disposição dos diversos órgãos no corpo.

«E no fundo a ideia é estabelecer um confronto entre uma descrição científica do corpo que se faz ainda muito à superfície do corpo ou então indo ao nível das partes mas sem perder a ideia do todo, o corpo como uma totalidade. E no caso das artes isso é posto em paralelo, com a descrição naturalista do corpo que apanha, no fundo, a pele, apanha a superfície», explica a cientista.

Noutro espaço, as imagens dão-nos outro tempo. O tempo em que a ciência é a fotografia, o raio-X, a angiografia e a microscopia ótica.

Momento marcante na ciência médica que recorrendo a tecnologia nos dá uma imagem do interior do corpo vivo. A imagem preocupa-se com uma parte do corpo, percorre a biologia celular e alcança a estrutura celular.

As artes plásticas passam a uma nova dimensão devido à fotografia. É o momento da estética e da função social da arte, em que o artista assume uma nova perspetiva e dimensão para a imagem do corpo. Um corpo que agora é fragmentado.

«No segundo momento, que chamamos 'Corpo Fragmento', há uma descida ao interior do corpo, quer ao nível da passagem da superfície para o interior, quer ao nível da passagem do macro para o micro, quer ao nível da passagem do corpo morto para o corpo vivo. Porque por exemplo, os desenhos dos anatomistas apanhavam o corpo morto, mas no segundo momento começa a ser possível com novas técnicas, nomeadamente, a fotografia e o raio-X começa a ser possível obter imagens do corpo vivo. Portanto, aqui é uma fronteira muito interessante e nós aí acompanhamos essa evolução», refere Olga Pombo.

Para os cientistas o corpo é agora um conjunto de sistemas, órgãos que se dividem em tecidos e estes em células. As imagens histológicas e da biologia celular levam-nos ao mundo das células. Aqui a imagem viva de cor assume-se como unidade de um novo todo.

A imagem marca no tempo os grandes avanços da medicina, como refere o médico Egas Moniz, em relação à angiografia cerebral nas 'Confidências de um investigador científico', publicadas em 1949.

«Naquela hora inesquecível, nessa tarde de 28 de junho de 1927 todas as atenções se concentravam no exame da primeira arteriografia (...) Era mais do que uma promessa, era uma realidade feliz. Desde aquele momento e depois do sucesso obtido, tínhamos a certeza – já não era presunção – de que se podiam ver as artérias cerebrais e notar as deformações produzidas pelas neoplasias intracranianas, podendo assim fazer a sua localização, o que devia concorrer para impulsionar a cirurgia cerebral, objetivo último do nosso estudo», escreve Egas Moniz.

E noutro espaço da exposição as imagens são de outro conhecimento resultado da tecnologia, dos computadores, da TAC, da Ressonância Magnética, da Tomografia de Emissão de Positrões e de muitas outras, como a microscopia eletrónica de varrimento.

«O terceiro momento corresponde a um prolongamento deste movimento de entrada no interior do corpo, só que há uma transformação muito importante, é que as imagens produzidas naquilo a que chamámos 'Corpo Algoritmo', que tem a ver com novas técnicas de análise de representação do corpo, em Medicina que tem a Ressonância Magnética, etc., são imagens que são obtidas não por processos analógicos mas por processos digitais. Ou seja, aquilo que a imagem apanha não é qualquer coisa que ela capta, mas é qualquer coisa que ela produz, que o instrumento produz, ou seja, que transfere que traduz dados numéricos em imagem».

O estudo anatómico do corpo deu lugar ao estudo da dos tecidos, das células, das proteínas, do ADN. As imagens permitem acompanhar a divisão celular, o desenvolvimento inicial do corpo humano, ver os neurónios e conhecer o mapa das funções do cérebro.

Nas artes, surgem novas correntes influenciadas pelas tecnologias digitais e o corpo é superfície da própria inscrição artística.

Surge a 'Bioarte' onde os artistas entram no laboratório e recorrem a materiais biológicas para produção artística. Mas também a 'Body art', onde o uso da robótica, das próteses e intervenções cirúrgicas alteram as funções do corpo e a sua expressão.

Imagens de 150 anos de produção artística e científica que são também testemunho da história da ciência médica em Portugal.

«É uma forma de acesso à compreensão que os humanos vão tendo do mundo. Se pensar que a palavra teoria – pensa-se que a ciência o que produz é uma teoria sobre o mundo – se pensar que a palavra teoria vem do grego *theorein* que significa ver. Portanto, aquilo que o Homem quer e procura é ver, compreender é ver de alguma maneira. Pode perceber qual é a importância da imagem. A imagem de alguma maneira permite-nos ver o que nós somos capazes de ver num determinado momento. E seria possível fazer essa reconstituição através das imagens que a Ciência vai produzindo. Por exemplo, se comparar aquilo que se pensa se viu do cérebro no tempo do Broca, com aquilo que hoje se vê do cérebro, vê-se bem aquilo que está por trás em termos de transformação do conhecimento e de aprofundamento do conhecimento que se vai fazendo. E a Ciência é essa capacidade, que é indo conhecer cada vez mais», afirma Olga Pombo.

A Exposição, 'Corpo Imagem, Representações do Corpo na Ciência e na Arte', é mais uma das iniciativas de elevada qualidade com organização do Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva, em Lisboa, onde pode ser visitada até 27 de março de 2011.

(Este texto foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico)